

O INSTITUTO RELIGIOSO DE EDUCAÇÃO CATÓLICA

Os Irmãos das Escolas Cristãs no século XX

Tudo depende da Educação. Desde há dois séculos e meio, principalmente, nossas sociedades modernas empenharam nisto suas energias. Neste âmbito, o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs – uma das instituições educacionais mais antigas – tem persistido durante mais de três séculos. Neste artigo nos propomos examinar como têm vivenciado o século XX, período particularmente agitado. O autor limitará sua exposição a alguns elementos significativos da vida do Instituto, capazes de suscitar a reflexão sobre a ação educativa de hoje.

O artigo é ordenado em três capítulos: uma apresentação sucinta da obra de São João Batista de La Salle, e dos Lassalistas, em 2010. Em seguida, sua história no século XX, em duas partes delimitadas pela grande cissura, a guerra de 1940 a 1945.

O autor é um Irmão deste Instituto Lassalista. Professor, educador, durante longo tempo responsável pela Rede Educacional Francesa, e responsável como secretário e coordenador internacional da rede lassalista. É Doutor em Educação.

1. O Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs em 2010

Este Instituto católico de religiosos-Irmãos foi fundado em 1680, por São João Batista de La Salle, um presbítero francês. Organizou uma pequena comunidade de homens que se consagraram totalmente ao ensino de meninos e jovens do meio popular nos subúrbios das grandes cidades. Antes dele, já outros haviam tentado combater a praga da ignorância entre os jovens. Em vão! La Salle, por sua vez, chegou a realizar isto, porque captou a chave do êxito: a formação de professores. Este procedimento para ele se tornou uma obsessão que não lhe saiu da mente durante mais de quarenta anos. Para obter êxito adotou três “fechaduras” que devem funcionar conjuntamente: uma teologia da atividade profissional de professor de escola, uma regra religiosa para reafirmar a fraternidade dos professores, e algumas ferramentas pedagógicas submetidas à prova pelos professores. Aqui topamos com o núcleo que estabilizou essa corporação de mestres-escolas convertida em um Corpo de Irmãos com uma vintena de escolas elementares.

Evidentemente, depois de 333 anos de atividade e de duas supressões legais na França (em 1789 e em 1904)¹, o Instituto não mudou muito. De acordo com estudos estatísticos de

¹ Em sua confrontação com a Igreja Católica, a Revolução de 1789, por três razões, manifestou uma grande desconfiança contra as congregações religiosas e os mosteiros: o respeito da liberdade individual por oposição ao voto de obediência; o controle da educação dos jovens em face das numerosas escolas da Igreja; a supervisão do patrimônio imobiliário em face dos bens próprios das congregações que gozavam de vantagens jurídicas consideráveis mercê das quais escapavam às normas ordinárias de sucessão. Quanto a este ponto, o Estado francês e o episcopado mantinham a mesma opinião.

Por isso, a primeira assembleia legislativa que realizou suas sessões em 1791 – 92, determinou a destruição dos ordens religiosos... suprimiu as congregações seculares, quase todas dedicadas ao ensino.

2004.², o Instituto conta com cerca de um milhar de obras escolares e universitárias; tudo isto animado por aproximadamente 80.000 educadores e pessoal diverso, 5.300 dos quais Irmãos, em 80 países dos 5 continentes. A ação Educativa do Instituto se desenvolve em três áreas complementares:

- a) Cerca de 1.000 (mil) instituições escolares ordenarias (escolas, escolas de ensino médio, Colégios, escolas de Ensino Superior, Universidades, Escolas de Engenharia, Cursos noturnos...) atendem a aproximadamente 850.000 estudantes.
- b) Uns 142 centros educacionais especializados (meninos de rua, dependentes de tóxicos, mulheres solteiras isoladas por preconceito ou abandonadas, migrantes, inválidos, deficientes físicos, crianças abandonadas...) a serviço direto de 250.000 jovens e adultos.
- c) Cedências de Irmãos para o serviço de organismos particulares, dos Estados e da Igreja.

A população escolar e estudantil se reparte da seguinte forma: Classes infantis 5%; Classes elementares ou fundamentais 25%; Classes de adolescentes 50%; Universitários 13% em progressão significativa; Cursos Noturnos 2%. Os rapazes representam 60%; as moças 40%. O Corpo Docente (homens e mulheres) está mais ou menos equitativamente repartido, sendo que em muitos lugares, e no global do Instituto, de acordo com as estatísticas publicadas nos Mementos anuais, o número de mulheres supera o de homens. A razão de correspondência jovens/adultos (incluído todo o pessoal é de 01 para cada 10 – 12 (Europa, as duas Américas); 01 para cada 10 - 15 – 20 (Ásia e África); em Centros não formais: 01 por 100). As famílias acolhidas se repartem segundo quatro categorias: Classes superiores: 12%; classes médias: 53%; famílias com dificuldades econômicas: 12%; famílias muito necessitadas: 13%.

Nos parágrafos que seguem mostraremos particularidades que marcam a vida do Instituto ao longo de século XX. Separaremos duas partes no século, delimitadas pelo conflito de 1940. Verificaremos como, pouco a pouco, o Instituto abandona as linhas de demarcação do século XIX, para introduzir-se no século XX; movimento perceptível através dos temas que temos considerado os mais pertinentes a nosso projeto.

2. O Instituto desde 1904 a 1946

A origem do Instituto é francesa; em 1900, sobre os 15.500 Irmãos, repartidos pelo mundo todo, 10.651 eram franceses; o governo central continuava sendo francês. Nestas condições, a supressão legal do Instituto na França pelo governo francês, em 07 de julho de 1904, soou como um acontecimento verdadeiramente catastrófico. Os Irmãos se defrontaram com uma situação brutal: os decretos dos dias 12, 13, 15 de julho, decidiram pelo fechamento de 801 de seus 1.359 centros educacionais franceses. Este acontecimento provocou no Instituto uma crise de identidade: Afinal o que somos antes de tudo? Professores? Religiosos? Devemos secularizar-nos (abandonar nosso hábito religioso) para prosseguir no serviço de educação cristã, ou exilar-nos em países menos antireligiosos? Cada Irmão francês teve de posicionar-se. Para pôr termo,

Cem anos depois, o Instituto sofreu outra destruição, resultante do conflito Igreja x República, cada uma tratando de assentar sua influência escolar. Por isso, o marco de uma série de medidas governamentais (1901 – 1903 – lei de 1904) as congregações seriam suprimidas, principalmente as congregações de ensino.
 BUISSON Ferdinand, Novo Dicionário de pedagogia de instrução primária. Hachette, 1911.
 LANFREY André, Secularisation, séparation et guerre scolaire. Cerf 2003.
 SORREL Christian, La République contre les congrégations: histoire d'une passion française (1899-1904), Cerf, 2003.

² Estatísticas oficiais do Instituto: Cadernos MEL nº 16, p. 61-71. Roma, 2004.

em 1908, uma terça parte dos Irmãos em exercício em 1903-1904, tinham abandonado o Instituto; outra terça parte se exilara no estrangeiro reforçando assim a ação dos outros Irmãos, e uma última terça parte ficou na França, secularizando-se efetivamente para continuar prestando o serviço educativo que também constituía seu compromisso religioso.

Essa crise trouxe intensos abalos sobre o século XX., tais como uma crise de identidade, um conflito devido à coerção da secularização e das atitudes anticatólicas. Esta leitura dos acontecimentos prevaleceu durante muito tempo, mais ainda porque o exemplo francês foi seguido por outros países europeus: Espanha, Alemanha, Áustria; na América Latina: México, Chile, Nicarágua, Colômbia, afetados pela problemática da separação da Igreja e do Estado. Tudo isto teve e continuará tendo muita influência sobre a mentalidade geral do Instituto. Ao longo do século, no Instituto observamos uma suspeita sobre os sistemas filosóficos que se evadem de uma referência religiosa estabelecida, e a alheiam de todo debate político e social. Para compensar, concentram-se em uma ação educativa pragmática, próxima das necessidades dos jovens, preferindo a busca da razão na área dos métodos dos enfoques educacionais. Mas, ali talvez, encontremos uma característica do caráter original herdado do Fundador, ele mesmo, um homem muito prudente, que passava pelo crivo da experimentação comunitária qualquer mudança proposta, tanto no campo religioso como no pedagógico.

Não obstante, mesmo que a crise de 1904 tenha sacudido o Instituto, não conseguiu que sua marcha fosse demasiadamente freada. É o que especialmente observamos em quatro áreas: o caráter internacional da obra, a diversidade dos compromissos e das obras, a preocupação pedagógica, e a educação da fé.

O caráter internacional do Instituto

No século XVIII, o Instituto estava presente na França, Suíça, Itália. Após a tormenta revolucionária, rapidamente o Instituto se estendeu pelos cinco continentes, a partir de 1830: A Ilha da Reunião, Guiana, Canadá, Estados Unidos, Alemanha, Bélgica, Grã-Bretanha, Malta, Áustria, Grécia, România, Mônaco, Espanha, Luxemburgo, Irlanda, Boêmia, Hungria, Polônia, Países Baixos, Argélia, Egito, Turquia, Tunísia, El Cabo, Madagáscar, Equador, Chile, Argentina, Colômbia, Nicarágua, Panamá, Cuba, México, Porto Rico, Brasil, Indochina, Malásia, Birmânia, Hindustão, Camboja, Ceilão, Hong Kong, Síria, Palestina, logo convertida em Israel e Jordânia. Líbano.

A partir de 1904, cerca de 3.000 Irmãos franceses se expatriaram. Deste modo reforçaram obras já existentes, e prosseguiram na expansão: Austrália, México, Cochinchina, Maurício, Brasil, Holanda, Albânia, Canárias. Desde 1914 até 1966, a mesma dinâmica prosseguiu: Portugal, Iugoslávia, Congo Belga, Líbia, Marrocos Espanhol, Eritreia, Etiópia, Guiné, União Sul-africana, Mali, Nigéria, Quênia, Tanzânia, Rwanda, Alto Volta, Camarões, Somália, Yibuti, Venezuela, Bolívia, Peru, República Dominicana, Costa Rica, Honduras, Guatemala, Japão, Borneu, Tailândia, Índia, Paquistão, Filipinas, Papua-Nova Guiné e Nova Zelândia

Com certeza, essa expansão correspondeu a uma dúplice vontade e determinação: prestar um serviço de evangelização, mediante o ensino, a cultura, a inserção social. Outrossim, alentar a promoção das pessoas e também a promoção das sociedades às quais o Instituto enviava Irmãos. No sentido clássico, o Instituto não é missionário, dedicado principalmente à evangelização dos “povos infieis”. O projeto do Instituto se vincula à evangelização por outra via mais “secular”, por assim dizer: pôr-se ao serviço cultural das pessoas e das sociedades para sua pro-

moção, para a realização de seu próprio projeto de humanização. E, neste esforço secular, o Instituto reconheceu os efeitos da ação do Espírito de Jesus que transforma o mundo.

Por isso, os Irmãos não partiram “como missionários que tinham um projeto para o outro, mas como Irmãos que vinham para pôr sua competência a serviço do projeto das pessoas e de sua sociedade”. Sua preocupação primordial foi a inculturação, concretizada mediante a aprendizagem da língua e a acolhida dos jovens Irmãos autóctonos que, em breve teriam de assumir os destinos do Instituto em seu próprio país. Todavia, notou-se que esse programa nem sempre foi respeitado e, menos ainda, quando os preconceitos colonialistas de certos governos os impuseram aos Irmãos. Assim aconteceu na Turquia, Egito, Síria em 1906, o governo francês – que havia suprimido o Instituto na França – protegeu claramente as escolas dos Irmãos para manter a influência francesa nessas regiões estratégicas.

Esta dimensão internacional do Instituto foi uma vaza considerável para a obra. Ela o pôs em contato com as culturas, os sistemas políticos, sociais, religiosos... que lhe dariam uma visão e uma prática essenciais para enfrentar as problemáticas interculturais e interreligiosas que, a partir dos anos sessentas, foram o painel de fundo dos grandes intercâmbios internacionais.

Todavia, temos de acrescentar também que o Instituto continuou sendo essencialmente francês em seu governo até 1946. E as problemáticas extra-europeias com frequência foram relegadas. Nos anos de 1880, os Irmãos americanos reagiram: a tensão persistiu durante quarenta anos e não encontrou solução até 1923, com a intervenção do Papa Pio XI. Esse conflito era, de certo modo, o da tradição contra a modernidade. Os superiores franceses queriam manter a regra primitiva que proibia o ensino do latim nas escolas dos Irmãos; elas deviam privilegiar os meninos dos níveis primários e profissionais dos ambientes populares. Os Irmãos americanos viviam em outro contexto: seus bispos haviam favorecido a constituição de uma rede escolar reservada aos jovens das famílias católicas para evitar que frequentassem as escolas sob a influência protestante. Além disso, essa sociedade estava em estado de desenvolvimento rápido e se abria a novas necessidades. Por isso, os Irmãos foram convidados a abrir academias de nível secundário, seguidas pelos “Colleges” universitários; e, nos dois casos o ensino incluía o latim. A crise era séria: o Instituto esteve à beira da cisão. Também aqui, com a ajuda do tempo, o pragmatismo lassalista saiu vitorioso.

A diversidade dos compromissos e das obras

A primeira metade o século XX foi uma época de grande expansão e de iniciativas que sempre responderam às mesmas perguntas: Quem são nossos alunos e qual é sua ambiência? De que necessitam para se integrarem em sua sociedade? A quais exigências sociais e religiosas terão de dar uma resposta? Foi este o questionamento pessoal e comunitário dos Irmãos. Para exemplificar, assinalamos aqui algumas iniciativas educacionais colhidas a esmo.

Em Saigon: escola profissional para jovens surdo-mudos: marcenaria, mecânica, sapataria; em Bogotá: Escola de artes e ofícios com mecânica, forja, cerâmica, carpintaria, tecelagem, sapataria, fabricação de caixas; em Roma: obra dos jovens mutilados; em Turim: obra dos limpadores de chaminés; em Guenenge: orfanato com tipografia, forja, serralheria, escultura em madeira; em Tréveris: casa de aprendizes; na Virgínia: colégio para jovens negros que ali aprendem dois ofícios em técnicas mecânicas e métodos agrícolas: carretagem, ferreiro, carroceria, alfaiate, sapateiro, pintor, pedreiro, cozinheiro, padeiro, jardineiro. Criação de escolas de agricultura como em Lincoln Dale (USA), em Carlsburgo na Bélgica. Abertura de numerosas escolas

de professores como em Rodésia, Panamá, Malonne, na Bélgica, Middleton, Inglaterra, Peru, Chile, Equador.

Para apoiar a formação de professores e fornecer os meios para obras práticas, o Instituto realizou um esforço editorial nos mais variados campos. Assim manteve e intensificou suas publicações nas seguintes disciplinas: filosofia, filosofia moral, compêndios de lógica e de história da filosofia, agricultura, zootecnia, contabilidade, química, física, línguas (holandês, espanhol, turco, alemão), geologia, leitura, curso intuitivo de harmonia e acompanhamento, lira harmoniosa, economia política, composição francesa, agrimensura, gramática, literatura árabe, novo sistema de ventilação econômica, mecânica teórica e prática, estudo de estética, história geral, geografia geral, páginas de história do comércio, biologia, cosmografia, estilística, e matemática em todos os seus aspectos. Este esforço editorial prosseguiu até os anos noventa. Foi então que as exigências financeiras bem como as da competência desanimaram o Instituto.

A preocupação pedagógica

A vocação educativa dos Irmãos os situa no centro das sociedades nas quais vivem e trabalham. Depois da Revolução Francesa, na França, os Irmãos se associaram ao esforço de escolarização levado a cabo pelos poderes públicos. No decurso de todo o século XIX, ali onde estavam estabelecidos, se constituíram em ponto de referência e, amiúde, na origem dos consideráveis esforços que as sociedades faziam para dar resposta às novas necessidades de alfabetização: preocupação particular desse século. A par disso, essa dinâmica correspondia perfeitamente ao vigor moral do Instituto e à sua finalidade. Mas, no final do século, na França, e posteriormente, em outros lugares, os Irmãos se encontraram em uma situação paradoxal: eles, que já haviam lutado em favor do ensino gratuito para todos, que haviam aberto suas escolas a todos sem distinção social, se encontraram excluídos desse esforço nacional; obrigados a criar escolas “livres”, com frequência de pagamento. Assim, viram-se na obrigação de praticar uma distribuição uniforme dos jovens, contrária à fidelidade às suas origens. Entre eles deu azo a debates prementes: para continuar sua missão educativa com os jovens da França, acaso não seria necessário recorrer a uma secularização aparente? Certos Irmãos pensavam assim. Mas quando alguns adotaram essa solução, após 1904, o Instituto não se mostrou favorável.

No entanto, após a primeira guerra mundial, tendo as circunstâncias já mudado, essa solução finalmente foi avaliada pelo Instituto. Inclusive, teve de recorrer a ela. Em 1911, para permitir aos Irmãos retornar à Alemanha; em 1916 para que pudessem voltar ao México; em 1933 depois de a lei espanhola que proibia o ensino aos religiosos. Apesar de tudo isto, o Instituto se esforçou para manter suas prioridades: gratuidade do ensino ou, ao menos, cotas escolares módicas, difusão do ensino elementar, abertura a todos, desenvolvimento da formação do tipo profissional, estabelecimento de cursos pedagógicos para os Irmãos jovens, bem como para os professores leigos: verdadeiras “escolas normais”. Às vezes, sob a pressão das famílias ou por razões econômicas, os Irmãos abriam obras de nível secundário, antecipando assim a demanda social que, pouco a pouco, se foi generalizando no decorrer do século. Fosse qual fosse a situação dos Irmãos, sua atuação foi amplamente avaliada e estimada pelos representantes das sociedades civis que, com frequência, se inspiraram em suas realizações mais notórias.

Desde 1890, os Irmãos haviam dado seu apoio – e o mantiveram durante vinte anos – à Revista *L'Éducation chrétienne* que as escolas católicas livres recentemente criadas, queriam promover em face de uma educação republicana que atacava sistematicamente os valores cristãos. Essa Revista Semanal tratava “*de generalidades relativas às escolas, aos programas, e*

subministrava aos professores conselhos e informações úteis em suas funções diárias: temas de jurisprudência, de administração, de exames, mas também de pedagogia prática com deveres escolares e uma resenha dos periódicos pedagógicos...”. Pouco a pouco esta Revista foi complementada por um suplemento que “*oferecia aos professores os meios de ampliar seus conhecimentos e preparar-se para os exames para obtenção dos diplomas superiores*”. Durante esses anos, a atividade pedagógica transpôs os limites e alcançou seu ponto culminante especialmente por ocasião da exposição universal de 1900, durante a qual o jurado entregou ao Instituto mais de 60 prêmios, 04 delas “Grand Prix”, 14 medalhas de ouro e 21 medalhas de prata.

Nessa exposição tiveram destaque os trabalhos científicos dos Irmãos: o belga Alexis-Marie (Atlas de geografia), os Franceses Héribaud e Gustave (Flora de Auvernia); o americano Potamian (física); manuais elaborados por Irmãos, entre eles os franceses Gabriel-Marie (matemática), Louis-de Poissy (filosofia cristã) e o livro bretão-francês, do Irmão Constantius.

Como continuação dessa exposição, foi publicada uma série de tratados pedagógicos totalmente novos: “*Elementos de pedagogia prática (1902); Diretório pedagógico para uso dos Irmãos das Escolas Cristãs (1903); Guia das Escolas Cristãs (1903); Manual do Catequista (1907); Manual de Pedagogia (1909); O Catequista de Crianças (1910); Metodologia do ensino da leitura (1910)*”. Outras traduzidas ou adaptadas em inglês, alemão, espanhol...

Mas, em termos da internacionalização do Instituto e sua dispersão nos anos a partir de 1904, se tornou necessário um órgão de vinculação entre os Irmãos. Em 1907 apareceu pela primeira vez o *Bulletin des Écoles Chrétiennes*. Seus objetivos foram os seguintes: “*Dar a conhecer as obras de educação, durante e depois da escola, dirigidas ou mantidas pelos Irmãos; exortar mediante relatos que fossem portadores de ilustração*” para a prática pedagógica. Este Boletim apareceu com regularidade durante todo o século, exceto nos dois períodos de guerra. Foi uma mina de informações sobre as intenções educativas e sobre as variadas realizações que o Instituto levava a bom termo para responder aos públicos de jovens e de adultos cada vez mais diversificados. Este Boletim foi e continua sendo um órgão de comunicação entre os Irmãos e um espaço para intercâmbio de experiências.

No entanto, em várias ocasiões foi recordado que “*este órgão não é a palavra oficial do Instituto*”. Por isso, os redatores da Revista (que não obstante são nomeados pelo Irmão Superior Geral) abrem todas as suas colunas a todo tipo de realizações. Assim se pode verificar que o Boletim sempre abre espaço a discursos pedagógicos fundados sobre a ordem, a disciplina e as realizações mais atentas às necessidades, à realidade dos jovens, à sua iniciativa, à sua participação. Tem-se a sensação de que o Instituto mantém uma pedagogia tradicional que é como sua marca; Mas também que está permanentemente aberto às realidades dos setores que o impulsionam a modificar insensivelmente seus enfoques. Assim, no Boletim de 1927, foi aconselhado que se leiam as obras que versam métodos modernos: “*Como diagnosticar as aptidões nos alunos*”, diz Claparède; “*As aplicações americanas da psicologia à organização e à educação*”, de Decroly-Buysse; “*Psicologia pedagógica*” de De la Vaissière; “*La Escuela activa*”, de Ferrière; “*Estúdio crítico de sistemas de educación*”, da Ação Católica da Bélgica.

Aí talvez esteja o vigor do Instituto: manter uma tradição educativa reconhecida, e modificá-la com discernimento para dar lugar às novas exigências. Sobre este particular redonda instrutivo consultar um documento inédito que o Superior Geral fez elaborar em 1914, para o conjunto do Instituto, mas que a declaração de guerra sepultou nos arquivos.

Este documento anuncia um novo *Boletim pedagógico das Escolas Cristãs* revelador sobre as preocupações muito modernas dos Irmãos responsáveis. Por motivo desse anúncio, o autor insiste sobre a necessidade dos estudos pedagógicos e sobre a abertura às novas ciências:

"Sob a epígrafe Educação poderão ser versados temas relativos à psicologia das crianças e adolescentes, os resultados mais concludentes da pedagogia experimental... Há cinquenta anos atrás o termo "pedagogia" soava bastante mal em certos países... Hoje a ciência da Educação é atraente, muito abrangente e muito útil... Deduz-se a necessidade dos estudos pedagógicos... dos progressos realizados por esta ciência em todos os países, sobretudo desde há um meio século... Em primeiro lugar é uma ciência cujos princípios é importante estudar. Separada das teorias que a justificam e guiam, a habilidade pode reduzir-se a procedimentos empíricos. Resultado de uma longa e custosa experiência cujas despesas, em parte, os alunos pagam... Mas, em educação, a qualquer preço, é preciso reduzir ao mínimo as deduções por intuição... Os estudos pedagógicos também vão em busca da vantagem de evitar a rotina, libertar a mente de preconceitos, e renovar no educador o gosto por funções muito nobres mas monótonas. Engrandecem e multiplicam as ideias pessoais mediante uma ampla e inteligente compreensão das maneiras de ver de outros; ensinam ao professor a despreensão intelectual e o incitam a interrogar-se sobre seu valor profissional; animam-no a modificar-se para passar do medíocre ao melhor, e de pronto ao bem... A pedagogia é progressiva. Contém uma parte imutável: são os dados fundamentais da psicologia, da lógica e os princípios morais que regem a atividade humana. Mas as aplicações da psicologia. Os métodos e os procedimentos de ensino são perfectíveis. E esses perfeccionismos sucessivos claramente merecem ser conhecidos"³

Mais uma vez, este texto prova que o Instituto se abre à novidade sem contradizer coisa alguma do objetivo: educar e ensinar tudo, cuidando da justa dosagem entre enfoque científico e pragmatismo de sentido comum.

Nos anos sessentas, a crise das instituições (família, estados, igrejas, universidades), bem como a democratização do ensino, sacudiram o sistema educativo e fizeram duvidar de sua legitimidade. Também nisto, os Irmãos participaram em debates apaixonados em que se enfrentavam reflexão e práxis, novo ambiente mundial e salas de aula. Feliz tradição lassalista!

A educação da fé

Mas não nos é possível falar de pedagogia sem também falar de pedagogia cristã. Com efeito, para o Instituto o catecismo católico (a educação da fé) sempre foi muito importante. Após o Concílio de Trento e da Reforma Católica, a época do Fundador foi também uma época de catecismos; época atenta aos conteúdos, aos métodos e à elaboração dos manuais.

O final do século XIX viu ressurgir esse esforço suscitado, principalmente pelas lutas anticlericais, mas também pela expulsão do catecismo das escolas (não somente na França). A Assembleia Internacional dos Irmãos (*Capítulo Geral*, segundo a linguagem religiosa) de 1894 orientou quase toda a sua atenção sobre o tema da formação religiosa dos Irmãos e sobre o cate-

³ Circulares instrutivas e administrativas N° 194, P. 10-18. Roma 1914.

cismo (ambos são vinculados) com nada menos de 18 resoluções. Os Irmãos foram animados nessa orientação pelo Papa São Pio X, que lhes outorgou o título de “Apóstolos do Catecismo”, em 1903. Mas também aqui se deu conta de duas correntes diferentes que os superiores permitiram se expressassem.

A primeira foi representada pelo Irmão Paul-Joseph (1854–1923), que compilou tudo quanto se produziu para a exposição universal de 1900. Publicou ”*Los elementos de la pedagogía práctica*, que foi prosseguida por um texto do Superior Geral, intitulado “*Metodología de la enseñanza religiosa*”, Nele, o método tradicional dos Irmãos foi ratificado: método dedutivo, ensino das verdades religiosas; o aluno recebe exposição da verdade

Mas, seis anos mais tarde, o Irmão Bernard-Louis (1847-1915) publicou uma obra intitulada “*Manual del catequista*” (1907). Iniciou o contato com o movimento de Munique ⁴ e sua reflexão se viu estimulada: a catequese deve partir da realidade e da experiência da criança ou jovem para chegar à noção abstrata; a aplicação à vida virá como consequência. É preciso ter em conta a psicologia da criança/jovem e seu tipo de percepção espiritual. A catequese deve ser progressiva: tendo em conta as idades e a maturidade, proceder-se-á por repetição e adições progressivas de noções novas, de ano em ano.

É interessante o fato de que os dois enfoques tenham coabitado entre os Irmãos, entre 1901 e 1940: um deles, referindo-se ao passado do Instituto e ao “objeto da Doutrina”; o outro integrando os progressos das ciências pedagógicas com o objetivo de chegar aos “sujeitos da Doutrina”. Duas sérias iniciativas marcaram o período:

- O primeiro : a formação do catequistas voluntários que o Papa havia impulsionado. Este se traduz na promoção de centros catequéticos, revistas, congressos, nas Antilhas, nos Estados Unidos com a Editorial *Saint Mary’s Press* (1943), com a primeira revista catequística do Instituto (1934), *La Salle Catechist*. Mas não há dúvida que foram os Irmãos italianos que realizaram a obra mais notável. No norte da Itália, um grupo de alunos e antigos alunos catequistas criaram um Instituto Secular de Catequistas. Por sua vez, o Irmão Candido Chiora (1860-1941) fundou a primeira cátedra de catequese, no seminário de Turim. Na Itália, como também posteriormente em Parma, Lucca Casale, Rubbio. De 1932 a 1946, os Irmãos Italianos publicaram cerca de 70 obras catequísticas.
- A segunda: um texto solicitado pelo Irmão Superior Geral e com data de 1918. Neste texto ele reafirma “*a validade intocável*” do antigo método dos Irmãos, a importância da arte das perguntas e respostas e da explicação das palavras, assim como a necessidade de “*anotar a quantidade de presenças, de batismos, de confissões e de comunhões que demonstram os efeitos da ação da graça*”. Contudo, como consideração pragmática, não ignora já os procedimentos intuitivos, a apresentação de imagens, de exemplos da vida concreta, a experiência religiosa dos alunos. Este texto insiste também sobre a formação de equipes de catequistas voluntários, sobre o papel da Ação Católica especializada nos colégios ⁵.

⁴ Este método catequético, elaborado na Alemanha por H. Stieglitz no final do século XIX, visa a libertar o ensino da autoridade do texto catequístico. Caracteriza-se pela atenção prestada à psicologia da criança ou do jovem, instando-o a recorrer às suas próprias capacidades intelectuais, imaginativas, afetivas... como à sua experiência espiritual.

WACKEMHEIM Charles, *La Catéchèse* p. 66, 1983, Paris.

COKE Mary, *Le mouvement catéchétique de Jules Ferry à Vatican II*, p. 44, Centurion, 1988.

⁵ PEREZ NAVARRO José Maria, *La catequesis lasaliana em los últimos 50 años*. Ediciones Pio X, 2003, 405 p. (cf. p. 92 – 94).

Deste modo, esses anos de 1929 a 1940, já estavam em consonância com as grandes mudanças catequéticas que se produziram depois da segunda guerra mundial, e a que estavam vinculados os nomes do padre Joseph Colomb e do Irmão Vincent Ayel. Dois nomes franceses que tiveram uma influência capital no Instituto e não apenas na Europa. A Revista *Catéchistes* criada pelo Irmão Vincent, em 1952, obteve fulgurante êxito, e sua difusão rapidamente alcançou a América Latina, Estados Unidos, Austrália, e também a Espanha que, em 1950, adotou uma resoluta política de formação ao abrir em Salamanca um Centro de Teologia Catequística.

Efetivamente, em torno à segunda guerra mundial, o Instituto dos Irmãos progressivamente tomou distância do século XIX e, principalmente em três campos: o governo central gradativamente se internacionalizou, as pedagogias profana, e a religiosa evoluíram. Todavia, ainda continuava traumatizado pela secularização do ensino que tinha transbordado da França e afetava a outras nações modernas. A par disso, a supressão legal do Instituto na França (1904) permanecia nos corações como uma dolorosa velha chaga. Os sofrimentos do novo conflito mundial, assim como os profundos abalos sociais e políticos que deles resultaram, obrigaram o Instituto a defrontar-se com novas problemáticas que anunciavam o século seguinte.

3. O Instituto de 1950 a 2010

No final da guerra, o Instituto empreendeu a recomposição de suas forças e a retomada da trajetória interrompida de uma existência conhecida: em 1946 convocou uma Assembleia Internacional. Mas, talvez, demasiadamente cedo: as mentalidades estavam tão profundamente agitadas que os intuitos de “restauração” iriam provocar uma timidez ou retraimento entre os Irmãos. Deveriam esperar-se uns vinte anos para que Instituto se traçasse uma nova via de esperança.

Realmente, tudo começou a movimentar-se e em todos os sentidos: descolonização, novas relações Norte-Sul, países não alinhados, construção europeia, guerra fria, predomínio americano, consumo... Movimentos institucionais: família, casamentos, escola, autoridade; igrejas, estados... As duas fortes referências lassallistas são questionadas: a escola, com a democratização do ensino e as novas relações entre o saber e a autoridade; a Igreja Católica, cujo discurso manifesta desconfiança e condena em face de uma secularização que se generaliza.

Entretanto, o Instituto foi-se transformando profundamente, mercê de dois tipos de fatores: primeiramente fatores internos, e logo de fatores externos.

Entre os fatores internos assinalamos estes: a maior abertura aos estudos universitários como vemos nos Estados Unidos, na América Latina (Colômbia, México), também na Espanha. Isto teve como consequência, um maior domínio da palavra e de debates internos mais construtivos e mais abertos às novas realidades; uma concepção reatualizada dos estudos profanos do Irmão e de seu posto específico na Igreja; um enfoque menos anedótico das origens da fundação e um estudo deliberadamente científico dos textos fundadores que, progressivamente permitem exumar um tesouro que o tempo tem sepultado sob uma capa de práticas e de rotina; a figura do Fundador⁶ e uma renovada definição do “serviço educativo aos pobres, favorecem um novo impulso.

⁶ Coleção Cahiers Lasalliens sobre o itinerário, a obra, os escritos de J.B. de La Salle, ROMA:

Campos-Sauvage, Lauraire Léon, Poutet Yves, Scaglione Secondino, Remo L.Guidi, Gallego Saturnino, GIL Pedro, SALM Luke, CALCUTT Alfred ...

Dentre os fatores externos, aqui assinalaremos unicamente aqueles que se referem à Igreja Católica: a abertura relativa aos estudos bíblicos, a catequese, as igrejas jovens, a inserção nos meios populares e a preparação do Concílio Vaticano II. Os Irmãos, um pouco em todas as partes, se mostraram receptivos em face dessas novas realidades e aceitaram comprometer-se com elas. Evidentemente isto criou um ambiente social e espiritual de debates críticos, de questionamentos institucionais e de assunção de posições pessoais. Os Irmãos tiveram assim a ocasião de voltar a interrogar-se sobre sua própria opção de vida. Um certo número decidiram orientar-se em outro sentido, enquanto que outros tentaram uma reforma mais tradicionalista, que fracassou. Em 1964, o Instituto contava com 16.000 Irmãos. Em 1980: 10.000. O Instituto que manteve seu compromisso original de sociedade de religiosos leigos, educadores por meio principalmente da escola, pagaram assim um pesado tributo aos novos tempos.

O momento crucial destes anos, sem dúvida, foi o Concílio Vaticano II. Suas temáticas e suas buscas amplificaram toda a efervescência de ideias e iniciativas que circulavam pelo Instituto desde 1950. Por isso a Assembleia Internacional dos Irmãos, realizada em Roma em 1966 e 1967, teve que dar um impulso sem igual ao Instituto. Essa Assembleia reuniu os principais delegados dos Irmãos do mundo inteiro, eleitos democraticamente. Marcou definitivamente o final da hegemonia francesa em proveito dos Irmãos da América do Norte que assumiram a liderança, deixando sempre a alguns Irmãos europeus a tarefa de posicionar os temas estrelas que abrissem e iluminassem um caminho de renovação do velho Instituto. Esses temas foram expressados em dois documentos complementares: a “*Regra dos Irmãos*”, 1967, e “*A Declaração: o Irmão das Escolas Cristãs no mundo de hoje*” 1967; documentos de importância que podem ser considerados como uma Ata de refundação da obra lassalista. Por quê? Porque estes documentos ratificados pela Assembleia dos Irmãos, puseram em destaque os três núcleos de inspiração que haveriam de dar vigor aos 50 anos seguintes: a figura carismática de La Salle; a originalidade de uma comunidade de homens leigos vinculados por um voto de associação; o compromisso para o serviço educativo aos pobres. Todo o vigor da renovação cabe a estes três elementos: verdadeira matriz da vitalidade religiosa e educativa do Instituto para responder as desafios desse final de século. Esse vigor produziu alguns frutos evidentes que, hoje, dão ao Instituto sua imagem pública. Quais são eles?

Em termos deste artigo permitam-me destacar quatro que permitiram que o Instituto abordasse o século XX com realismo: a renovada expressão do Projeto Educativo Lassalista, o serviço educativo aos pobres, o desenvolvimento do ensino superior, o compromisso de Leigos formalmente associados à missão do Instituto.

O Projeto Educativo Lassalista

Após 1966, vários países lassalistas (Argentina, França, Estados Unidos, Bélgica, Itália...) quiseram dar uma expressão renovada e pública a seu projeto educativo. Desejavam atualizá-lo tomando em conta o novo tipo de jovens, mas também as reivindicações sociais e eclesiais do momento. Este trabalho de relevância foi levado a bom termo com abertura e pragmatismo: a partir de um esquema proposto, os Irmãos e seus colaboradores do país em questão definiam os pontos mais importantes do ato educativo e sua tradução concreta no ensino ou nas atividades cotidianas, e delas deduziam as boas práticas. Assim, em 1983, trinta lassalistas europeus fizeram a síntese de seus enfoques nacionais e os confrontaram com os corpos já constituídos nos Estados Unidos, na Argentina, nas Filipinas, no Canadá. Um trabalho idêntico se realizava progressivamente um pouco por todas as partes: os anos noventa viram florescer textos de referência que ajudaram na avaliação regular das práticas. A cada quatro anos, em cada uma das Pro-

víncias lassalistas; a cada sete anos em nível internacional. Desta forma, uma linguagem comum e um intercâmbio de práticas permitiram criar, em nível mundial, uma consciência educativa comum e uma nova fraternidade. Isto se viu notavelmente reforçado por cursos internacionais de formação em Roma, para Irmãos e Leigos comprometidos na obra comum. O Instituto que se havia internacionalizado encontrava assim os meios de nutrir a unidade de inspiração a par de dar acolhida a respostas educativas contextualizadas. “Projeto Educativo Lassalista” e “Cursos de Formação no Centro do Instituto”, foram então duas exigências custosas, mas indispensáveis para a unidade do corpo e o respeito à subsidiaridade.

O “Serviço Educativo aos Pobres

Desde 1950, como consequência dos estudos sobre o Fundador, a preocupação pelo “Serviço Educativo aos Pobres” se havia convertido em *Leitmotiv*; emparelhava com o redescobrimto do voto particular do Irmãos: “*o voto de associação para o serviço educativo aos pobres*” Isto inspirou um renovado impulso a grupos de Irmãos que queriam viver de forma mais radical. A Assembleia Internacional de 1966 insistiu para que “*o serviço educativo aos pobres se convertesse em regra do Instituto e não a exceção*”. Finalmente um texto oficial dos responsáveis pelo Instituto, em 1980, intitulado “*O serviço educativo aos pobres e a promoção da justiça*” atribuiu uma nova legitimidade a comunidades de Irmãos que queriam comprometer-se por essa rota. Por quê nova legitimidade? Porque a obra das escolas sempre havia aparecido (com toda razão) como um serviço que, de uma forma ou outra combate sempre alguma pobreza, e muitos Irmãos pensavam contribuir – fosse qual fosse a forma de seu serviço - para a erradicação de uma certa pobreza.

Por vezes, entre os Irmãos os debates chegaram a ser intensos, mas, pouco a pouco uma certa tolerância se impôs ao conjunto do Instituto. Observemos que os superiores, assim como as Assembleias Internacionais de 1986, 1993, 2000, 2007 mantiveram o rumo e lhe deram destaque. Resultaram privilegiados sobretudo: Povos culturalmente em dificuldade; indígenas, itinerantes, migrantes, deficientes, direitos da criança, dignidade dos professores em regiões em desenvolvimento.

Tudo isto deu azo a um conjunto de iniciativas: escolas em ambientes difíceis, com pedagogias particulares; centros sociais; refeitórios escolares; programas culturais (democracia, cidadania...), pesquisas pedagógicas (mediações, leitura, qualidade educativa...); defensores dos direitos das crianças, educadores sociais; análise das situações econômicas das famílias; programas “*Justiça e Paz*”; atenção às minorias étnicas; renovação das escolas noturnas; criação de dispositivos educativos; congressos sobre os abusos contra crianças; desenvolvimento do ensino técnico; escola de segunda oportunidade ou recuperação. Assim, o termo “escola” adquiriu um significado mais amplo; converteu-se em um espaço de atividades concertadas, em uma colaboração com novos agentes culturais e sociais. Em 1990, a UNESCO concedeu o prêmio NOMA ao Instituto, por seu compromisso em favor da alfabetização.

Foi no decurso deste período que se atenuaram os debates em torno da questão “*a quais pobres somos enviados?*” Por quê? Porque o Instituto adotou o costume de contextualizar suas análises. Um estudo dos textos oficiais mostra claramente que seu discurso e seus enfoques evoluíram, como consequência das reflexões do Concílio Vaticano II, dos acontecimentos de maio de 1968, da exortação de Paulo VI em 1985, das conferências de Medellín (1968), de Puebla (1978), da Convenção dos Direitos da Criança, em 1987, por exemplo. Mediante estas contribuições externas, o Instituto se tornou mais atento às novas categorias de pobres, e foi em procura

dos meios de chegar a elas de maneira adequada. Acerca deste aspecto devem comparar-se as estatísticas oficiais de 2004 e 2011. Elas patenteiam um verdadeiro compromisso educativo a serviço dos jovens e da pobreza ⁷. Deste modo converte-se em um verdadeiro colaborador que pode aprender dos pobres.

O desenvolvimento do ensino superior

Paralelamente ao compromisso sobre novos locais, áreas ou focos de pobreza, estes últimos cinquenta anos testemunharam o crescimento da presença lassalista nos níveis universitários. Estes fatos não são contraditórios: a presença lassalista tem como peculiaridade estar atenta às necessidades dos jovens e das sociedades. E esta atenção se aplica tanto aos grupos sociais com dificuldades culturais como aos futuros agentes da atuação social. Aí também, o debate entre os Irmãos foi real; debate de discernimento, cada um expressando sua compreensão do processo educativo necessariamente associado a condições concretas. Ademais, este debate já havia iniciado no século XIX com os Irmãos da América do Norte, como já referimos ⁸. Por sua vez, os Irmãos da França e também os da América Latina, estabeleceram cursos especiais e organizaram laboratórios científicos de níveis muito bons que, às vezes foram o primeiro degrau de um ensino universitário em alguns países. Mas, o desenvolvimento das universidades lassalistas ocorreu sobretudo depois de 1959: no México, na Colômbia, na Venezuela, e em outros dez países do subcontinente, nas Filipinas, na África e, evidentemente, nos Estados Unidos e na Europa.

Neste ponto é preciso também observar que o pragmatismo dominou para pôr em marcha as setenta e duas atuais universidades. Nelas encontramos as ciências e as técnicas úteis conectadas aos ensinamentos mais especulativos: arquitetura, administração, ciências da informação e comunicação, agronomia, biologia, escolas de engenharia, institutos politécnicos, bem como faculdades de direito, de medicina, de ciências da educação, etc.

Entretanto, é preciso assinalar que quando os Estados zelosamente se reservavam o controle universitário (França, Bélgica), os lassalistas desenvolviam cursos de formação profissional de nível pós-bacharelato, assim como escolas de engenheiros. Davam resposta às solicitações das famílias, mas também à evolução dos grandes setores da indústria e dos serviços..

Nos anos noventas, as universidades lassalistas prestaram sua colaboração a uma reflexão educativa aberta, para a realização de cinco Colóquios Internacionais, que analisaram quatro aspectos importantes da nova ambiência mundial da educação: a globalização, as famílias, as megalópoles, as novas tecnologias da informação e comunicação. E, neste contexto, em um último colóquio, um exame atento e minucioso sobre o Anúncio da Fé Cristã. Isto manifestou a contribuição específica das universidades lassalistas. Sem dúvida, elas são convocadas a dar maior impulso à proposta lassalista no futuro.

Quanto ao demais, duas características definem as universidades lassalistas, sobretudo nos países do Sul: ali, as ciências são pensadas principalmente a partir das necessidades verificadas pelas comunidades locais: a universidade se converte em ator preponderante dessas comunidades: professores-pesquisadores, e estudantes se comprometem então com as populações mediante ações formativas e de promoção.

⁷ Caderno MEL N° 16, p. 61-67, Roma, 2004. – Bulletin de l'Institut N° 253, p. 66-70, Roma, 2011.

⁸ BATTERSBY William, *The Christian Brothers in the United States, 1900-1925*. Winona, 1966, 413 p.

Desde os anos setentas finais, reitores e presidentes se estão encontrando regularmente. Atualmente as universidades estão federadas em uma associação internacional (IALU). Esta Organização estimula uma dinâmica mercê de congressos que permitem a constituição de projetos destinados a professores e estudantes (cursos de formação conjuntos, pós-graduações com reconhecimento duplo ou triplo). A par do interesse universitário, os centros de ensino superior vêm aí uma oportunidade de dar a conhecer o pensamento e a práxis educativos lassalistas, que são uma voz dentro da partitura internacional.

A participação na Missão Educativa Lassalista de colaboradores associados

Esta é uma característica de destaque do Instituto neste início do século XXI. Resultante de uma elaboração paciente de 30 anos, já não é o fruto de uma vontade e de uma decisão claramente programada, mas bem antes o resultado de processos convergentes nascidos nos diferentes países lassalistas, sem um plano preestabelecido e que se foi difundindo pouco a pouco no conjunto do corpo do Instituto até imprimir-lhe uma espécie de nova identidade. Este processo se originou a partir de vários fatores: o Concílio Vaticano II que revalorizou o laicato cristão; a pesquisa lassalista que abriu aos educadores crentes de todas as confissões o acesso à figura carismática e universal do Fundador; o projeto educativo lassalista atualizado; a força da associação para o serviço educativo aos pobres. Os Irmãos, no começo, leram esse movimento com certa circunspeção, e logo, quando compreenderam que um novo rosto de seu Instituto e da Igreja Católica ali se vivenciava, decidiram adotá-lo. E isto em dois níveis: formar colaboradores nutridos com a espiritualidade e a prática Lassalistas, permitir a seus colaboradores tomar parte nas orientações e políticas educativas do Instituto. De certo modo, os Irmãos aceitaram que já não eram os únicos depositários de uma herança espiritual e educativa que é, por sua vez da Igreja Católica e também do mundo da educação. Consequentemente, o Instituto se comprometeu de cheio em uma associação com seus colaboradores não religiosos e os convocou a tomar efetivamente parte nas decisões, anteriormente reservadas somente ao Instituto.

As Assembleias Internacionais de 1993, 2000, 2006 principalmente deram prova disso. Esta vontade do Instituto atualmente é guiado por uma forte convicção: o gênio de La Salle, - que soube associar Irmãos à obra da educação cristã – encontra hoje um novo desenvolvimento na busca de uma associação particular de educadores lassalistas que encontram no Fundador uma fonte viva de inspiração para sua vida e seu trabalho. Seu compromisso profissional se converte assim em espiritual.

Em conseqüência, a partir de agora pode-se intuir que a fecundidade futura do Instituto será o fruto de duas associações surgidas de um mesmo manancial original: a associação particular dos Irmãos entre si; a associação de educadores lassalistas, cristãos ou provenientes de tradições religiosas diferentes. As duas associações, consagrando-se à mesma tarefa educativa, com uma atenção privilegiada pela *“salvação dos filhos dos artesãos e dos pobres”*, segundo a fórmula tradicional de São João Batista de La Salle.

CONCLUSÃO

O Instituto dos Irmãos viveu o século XX como uma grande transição em sua história tricentenária. Primeiramente teve de abandonar as problemáticas do século XIX para as quais estava perfeitamente adaptado: Respondia, com efeito, a umas necessidades concretas, evidentes no momento em que numerosas nações abordavam à modernidade, e em que ele dispunha de todas as estratégias de ensino úteis para a época. Estes dois elementos se ajustaram tão bem

que o Instituto gozou sua demografia mais elevada entre 1880 e 1960: 15.000 Irmãos em 1.900; 16.700 em 1964.

Depois da segunda guerra mundial, as problemáticas se renovaram e o Instituto – como outros – teve que fazer a releitura de suas intuições fundacionais. Contextualizou-as deixando-se questionar pelas sociedades, a Igreja, o anarquizado mundo dos jovens que batia às suas portas. Ele o fez mercê de homens de visão que, em termos de busca, de reflexão de práticas educativas e pedagógicas aceitaram não fugir das novas problemáticas: antropologia cristã, nova eclesiologia, construção social, respeito e preservação das culturas, diálogo das religiões, presença entre os esbulhados, proposta cultural a todos e segundo modalidades diversificadas, proposta do Evangelho como um caminho de humanização, corresponsabilidade no poder.

Assim podemos dizer que o Instituto Lassalista, renovado, pode aportar no século XXI com coragem e humildade. Coragem: saber revisar com muita regularidade sua trajetória e corrigi-la. Humildade: Perdeu seu vigor, sua substância, mas entrou em diálogo com outros colaboradores que mudaram a visão do mundo dela e da evangelização. Mediante esta abertura, aprendeu a partilhar seu carisma de educação cristã, e desse modo ampliou sua conceituação de “associação lassalista” que é, talvez, uma nova etapa de sua trajetória secular, o momento em que a urgência educativa é uma evidência para as nações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Colección de Bulletins des Frères des Écoles Chrétiennes, Archives FSC, Roma 1907-2011
 Cahiers Lasalliens, Roma, 1959-2011
 Cuadernos MEL, Roma 2001-2011.
 BEDEL Henri, Études lasalliennes, N] 11, 12, Roma 2003, 2007.
 CROS Françoise, VANISCOTTE Francine
 Les initiatives lasalliennes, Recherches universitaires, Roma, 2004
 Les projets éducatifs, Recherches universitaires, Roma, 203
 CAPELLE Nicolas, “Quiero ir a tu escuela”, Ed. Salvador, Paris 2006
 SCAGLIONE Secondino, Bibliographia internationalis (1703-2000) in
 Revista Lasalliana N° 1-2 del 2011
 Ressources lasalliennes, www.lasalle.org